

ESTUDIOS DE LITERATURA MEDIEVAL

25 AÑOS DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE
LITERATURA MEDIEVAL

EDITORAS

ANTONIA MARTÍNEZ PÉREZ
ANA LUISA BAQUERO ESCUDERO

MURCIA
2012



Estudios de literatura medieval : 25 años de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval / editoras Antonia Martínez Pérez, Ana Luisa Baquero Escudero.-- Murcia : Universidad de Murcia. Servicio de Publicaciones, 2012.

968 p.-- (Editum)
ISBN: 978-84-15463-31-3

Literatura medieval-Historia y crítica.
Martínez Pérez, Antonia
Baquero Escudero, Ana Luisa
Universidad de Murcia. Servicio de Publicaciones.

82.09"05/14"

1ª Edición 2012

Reservados todos los derechos. De acuerdo con la legislación vigente, y bajo las sanciones en ella previstas, queda totalmente prohibida la reproducción y/o transmisión parcial o total de este libro, por procedimientos mecánicos o electrónicos, incluyendo fotocopia, grabación magnética, óptica o cualesquiera otros procedimientos que la técnica permita o pueda permitir en el futuro, sin la expresa autorización por escrito de los propietarios del copyright.

© Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2012



ISBN 978-84-15463-31-3

Depósito Legal MU-921-2012

Impreso en España - Printed in Spain

Imprime: Servicio de Publicaciones. Universidad de Murcia
C/ Actor Isidoro Máiquez 9. 30007 MURCIA

FORMAS DE INTERLOCUÇÃO NO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE: O GÊNERO PERGUNTA/RESPOSTA

MARIA HELENA MARQUES ANTUNES
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

RESUMEN:

El propósito de esta comunicación es, procediendo a una relación de las composiciones que en el *Cancioneiro Geral* responden a los criterios de la pregunta/respuesta ya identificados para el corpus castellano, revisar, en lo que se le refiere, el índice de géneros de Brian Dutton y establecer su tipología en 16RE. La adopción del cuadro teórico elaborado por Antonio Chas en estudios realizados sobre los cancioneros castellanos nos ayudará a definir nuestro corpus. Este trabajo nos permitirá, por otra parte, identificar algunas peculiaridades del cancionero portugués y añadir otros criterios para clasificar las composiciones que pertenecen al género pregunta/respuesta.

Palabras-clave: Cancioneros, corpus, criterios, género, pregunta/respuesta, tipología.

ABSTRACT:

The purpose of this publication will consist in the outlining of essays that will follow the identified criteria of a “pergunta/resposta” gender revealed in the *Cancioneiro Geral* in its Castilian corpus and review, as what it is concerned, the Brian Dutton’s gender index, establishing its typology in 16RE. Using Antonio Chas’ theoretical frame on recent studies concerning the *Castilian Songbook Collection* it will be possible to define our corpus. This study will also enable us to add other classifying criteria for compositions concerning this “pergunta/resposta” gender.

Key-words: Corpus, criteria, gender, “pergunta/resposta”, Songbook, typology.

Ao invés do que sucede nos cancioneros castelhanos, o género pergunta resposta não está muito presente no cancionero de Garcia de Resende. A sua fraca representatividade tem levado alguns estudiosos a assimilarem a esse género as ajudas, entendidas como uma forma de resposta peculiar do cancionero português. Tal hipótese de trabalho parece pouco profícua na determinação de uma tipologia rigorosa da pergunta/resposta, na medida em que, nesse caso, tudo ou quase tudo poderia ser entendido como pergunta/resposta.

Assim, o propósito desta comunicação será precisamente, procedendo a um levantamento das composições que no *Cancioneiro Geral* respondem aos critérios da pergunta/resposta já identificados para o *corpus* castelhano, rever, no que se lhe refere, o índice de géneros de Brian Dutton e estabelecer a sua tipologia em 16RE. Esta análise supõe uma problematização do género e dos critérios usados para tipificar esta forma de interlocução. Os estudos realizados recentemente, sobretudo por Antonio Chas, e os critérios de tipo funcional por ele enunciados ajudar-nos-ão na delimitação do nosso *corpus*. A adopção deste quadro teórico, adaptando-o às especificidades do *Cancioneiro* de Resende, permitir-nos-á acrescentar eventualmente outros critérios, legitimados pelo carácter particular dos textos portugueses, para classificar as composições poéticas como pertencendo ao género pergunta/resposta.

Diz Antonio Chas que a pergunta cancioneril introduziu, relativamente às modalidades de interlocução poética precedentes, a obrigatoriedade da formulação de uma pergunta. A intenção inquiridora do texto inicial é, segundo ele, o traço pertinente que permite distinguir as perguntas de

outras modalidades dialógicas com as quais partilha outras características não distintivas¹⁶³⁴. Relendo o *Cancioneiro* à luz dos critérios estabelecidos por Antonio Chas – simetria métrico-estrófica e critério funcional que assenta na premissa que pergunta e resposta constituem uma unidade significativa em que ambos os constituintes desempenham um papel específico –, identificámos um conjunto de 30 composições que considerámos pertencerem ao género¹⁶³⁵.

O inventário estabelecido revela que, em geral, os poetas respeitaram a regra da simetria formal. Apenas em alguns casos se regista um número diferente de versos entre as estrofes ou uma alteração do esquema rimático. Todavia, a ausência de simetria formal não constitui por si só carácter impeditivo de integração no género. Pierre Le Gentil no seu ensaio dedicado à poesia lírica espanhola e portuguesa refere, relativamente à composição de tipo pergunta/resposta, que «un usage assez régulièrement observé veut que la demande et la réponse soient exactement symétriques»¹⁶³⁶. O advérbio «régulièrement» indica que nem sempre será o caso e que o critério não é definidor do género, isoladamente, pelo menos.

A composição 295 ilustra o critério da identidade formal, tanto a nível da estrutura – o poema é constituído por 8 coplas de 10 versos, 4 da autoria do conde do Vimioso, interrogador, e 4 de Manuel de Goios, destinatário e respondente – como a nível do esquema rimático. Para além da simetria formal, a pergunta e a resposta deste poema formam uma unidade significativa, traço definidor identificado por Antonio Chas como sendo uma das características genológicas deste tipo de composição. Ambos os poetas trabalham em torno dos campos semânticos da dor, do sofrimento e do desespero causados pela dama amada. O conde do Vimioso pede auxílio a Manuel de Goios a quem reconhece autoridade e a quem está endereçada a pergunta.

O poema 604, de cariz satírico, em que Fernão da Silveira interpela dom Rodrigo de Castro a propósito de uma dama que beijou, também faz parte do *corpus*. A simetria formal entre a pergunta e a resposta bem como a interdependência dos dois constituintes da composição que configuram uma unidade significativa legitimam a sua integração no género. A formulação, por parte de Fernão da Silveira, de várias perguntas sobre as características do beijo salientam a natureza satírica desta composição, sendo que a resposta dada por Dom Rodrigo contribui para reforçar esta vertente. Os versos «E fez-me tam grandes brigas nos queixais, / que mos nom fizera tais / ù grande molho d'ortigas» (vv. 11-14), ao introduzirem um elemento dissonante, as ortigas, como elemento comparativo entre os efeitos produzidos por esta planta e o beijo, realçam a veia satírica presente nas perguntas formuladas por Fernão da Silveira.

A composição 440 também se distingue pelo seu carácter satírico. Anrique de Sá pergunta a Diogo Brandão se o conde de Portalegre ainda está de luto pela morte de um homem com o qual não tinha parentesco. O tom claramente picaresco da pergunta não requer a resposta a uma dúvida, um conselho ou, ainda, a resolução de uma adivinha, mas sim uma resposta satírica que dê continuidade ao jogo iniciado na primeira estrofe por Anrique de Sá. A formulação da pergunta bem como a solicitação de resposta, expressa através das estruturas imperativas «mandai-me» e «fazei-me», associadas aos verbos de resposta «dizer» e «saber», incitam o respondente a proceder de forma análoga, isto é, prolongando o exercício satírico. Estes dois exemplos evidenciam a ligação que se pode estabelecer entre o género pergunta/resposta e a vertente lúdica, jocosa da poesia palaciana, já que, nos serões do paço, tudo era motivo para a elaboração de versos. A composição 604 está integrada, na *tavoad* elaborada pelo próprio Garcia de Resende, na parte designada por «cousas de folgar» em que cabem

¹⁶³⁴ Cf. Antonio Chas Aguión, *Preguntas y respuestas en la poesía cancioneril*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 2002, p. 87.

¹⁶³⁵ Cf. quadro em anexo. Seguimos a numeração da edição de Aida Dias (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990-2003). As composições em que se verifica a presença de uma pergunta mas cuja resposta não nos é conhecida integram o inventário mas não as consideramos como pertencentes ao género pergunta/resposta.

¹⁶³⁶ Pierre Le Gentil, *La poésie lyrique espagnole et portugaise à la fin du moyen âge*, Paris, Slatkine, 1981, vol. 1, p. 459.

trovas galantes e composições satíricas¹⁶³⁷.

Há composições que encerram perguntas, mas onde estas não têm por objectivo que se tome partido por uma ou outra hipótese, nem que se preste consolo ou que se responda a uma adivinha, mas apenas um fim comunicacional. Exemplo disso são os textos 172, em que Pedro Homem pede a Dom João Manuel novas da corte, e 456, em que Fernão Brandão pergunta a Anrique de Sá pela sua família. O poema inaugural da coletânea, *Cuydar e sospirar*, configura um caso à parte e não deve ser, como tal, considerado no *corpus*. A forma de discussão que assume em torno de posições antagónicas e sob o molde do processo judicial ultrapassa as características da pergunta/resposta. Esta composição ilustra uma outra modalidade dialogal: a do debate. Ao longo dos versos, opõem-se os partidos do cuidar, representado por Nuno Pereira, e do suspirar, por Jorge da Silveira, sendo que cada grupo apresenta os seus argumentos no sentido de rebater as teses do adversário. O *Cuydar e sospirar* é constituído por dois tipos de debate: real e fictício. Ao exercício de troca de argumentos pelos defensores do cuidar e do suspirar, junta-se um outro grupo de contendores que não pertencem ao mundo físico ou real mas sim à esfera alegórica com a intervenção do Deus do Amor e a participação de poetas, já mortos, oriundos do universo dos amantes cortesões. O tema do debate assume, deste modo, uma dimensão muito maior, uma vez que o seu alcance mobiliza intervenientes que pertencem ao plano do sobrenatural e da mitologia cortês. Os versos iniciais deste poema também não podem ser entendidos como uma forma de pergunta/resposta; a questão formulada por Jorge da Silveira não revela qualquer intenção inquiridora no sentido de obter conselho ou socorro ou de lançar um desafio ao interpelado para que resolva um enigma ou tome partido por uma das alternativas propostas, apenas tem por intuito introduzir o debate em torno de posições discordantes com defensores claramente designados.

Sendo o género pergunta/resposta uma modalidade de produção colectiva em que a pergunta e a resposta, segundo palavras de Antonio Chas¹⁶³⁸, constituem unidade significativa que se exigem mutuamente para proporcionar um significado global ao conjunto, então as perguntas que não apresentam resposta têm de ser analisadas de forma independente, uma vez que constituem textos aparentemente fragmentários. No *Cancioneiro Geral*, há cinco perguntas isoladas, ou seja, sem resposta. A composição 225 (ID 5463) não tem destinatário especificado. A pergunta formulada por João Gomes da Ilha é de natureza filosófica ou existencial, interroga-se sobre a essência da razão. O poema 453 (ID 5722) de Fernão Brandão também não tem resposta. A rubrica anuncia uma «Pergunta sua geraal», logo endereçada a um destinatário plural constituído por todos os que se preocupam com as temáticas amatórias. Neste caso, embora o destinatário não esteja nomeado, ele está claramente designado nos quatro primeiros versos da composição («A todos los trovadores, jentis homens, namorados / mancebos, velhos, casados, / poetas e oradores» vv. 1-4). As composições 475 (ID 5757), 485 (ID 5774) e 689 (ID 7069) também não têm resposta, todas elas propõem uma adivinha para resolver.

O inventário das matérias tratadas nas perguntas/respostas identificadas no *Cancioneiro* de Resende confirma a preponderância das temáticas amatórias. Todavia, também encontramos, no decurso do trabalho, várias composições que versavam sobre assuntos de natureza filosófica, moral e política¹⁶³⁹.

A composição 349 (ID 5617-5618) de temática filosófica e moral exemplifica a necessidade de entender pergunta e resposta como uma unidade significativa. Rui Gonçalves de Castelo Branco numa pergunta de tipo explicativo interroga sobre o estado de desconcerto da sociedade portuguesa. A resposta elide de forma bastante engenhosa e hábil a armadilha que os versos encerravam. Ao recorrer

¹⁶³⁷ A composição 593 de cariz claramente satírico também integra a parte «cousas de folgar», sublinhando relação entre pergunta/resposta e sátira.

¹⁶³⁸ Antonio Chas Aguión, «'Pues no es yerro preguntar [...]': notas para la revalorización de una modalidad poética cuatrocantista olvidada, las preguntas y respuestas», ed. M. Beresford e Alan Deyermund, *Proceedings of the Eighth Colloquium*, London, Department of Hispanic Studies, Queen Mary and Westfield College, 1997, p. 85.

¹⁶³⁹ Na composição 493 endereçada a Aires Teles, João Rodrigues de Sá recorre à matéria mitológica e aos heróis da antiguidade para enaltecer o *topos* das armas e das letras com o intuito político de favorecer as campanhas africanas.

à autoridade divina que «sem arrar nada» (v. 24) tem «o coração do rei na mão» (v. 25), o destinatário da pergunta resgata a integridade moral do rei que, apesar de ser «justo e santo» (v. 10), tinha sido posta em causa por não conseguir manter no reino os valores da justiça. Estabelece-se, então, uma relação de interdependência entre a pergunta e a resposta, sendo que ambas só adquirem significado pleno quando consideradas em conjunto.

O diálogo poético entre o conde do Vimioso e Manuel de Goios, composição 295 (ID 5545-5546), encontra na forma de introduzir a solicitação de remédio a sua unidade. O pedido de resposta subentendido através do recurso ao *pathos*¹⁶⁴⁰ tem por objectivo conduzir o destinatário a dar uma resposta, um remédio, favorável ao autor da pergunta a fim de lhe prestar consolo. A influência afectiva pretendida através deste processo repousa na *amplificatio*. A evocação do desespero do conde do Vimioso obedece a uma evolução gradativa que o conduzirá à morte. Por sua vez, na sua resposta, Manuel de Goios retoma o motivo do desespero, acentuando-lhe o carácter dramático que o conde quis imprimir à demanda. O sentimento de comiseração que queria provocar no seu correspondente acabou por ser reinvestido por ele para salientar o trágico da situação de ambos. Sendo a solicitação de resposta uma das funções da pergunta, esta surge frequentemente associada a meios retóricos para incentivar a proposta de uma solução ao problema colocado na pergunta.

A identidade formal, como já aludimos, é uma característica definidora do género. Os poetas tinham de adoptar o modelo métrico-estrófico imposto pelo autor da pergunta. Porém, como já sublinhou Antonio Chas, esta regra é apenas uma característica que tem de ser complementada com a análise do critério funcional¹⁶⁴¹. Por outro lado, a resposta «pelos consoantes» não é exclusiva da pergunta/resposta, outros géneros dialogais poderão igualmente recorrer a este processo. Ao fazer o levantamento das composições que, no índice de géneros de Brian Dutton, integravam a entrada dedicada às respostas, observámos que muitas das composições aí registadas eram respostas pelos consoantes e que só uma pequena parte podia ser considerada como pertencente ao género. Todavia, num conjunto de 30 composições de pergunta/resposta apenas 7 não respeitam a simetria formal, pelo que, ainda que não tendo a dissimetria carácter de exclusão genológica, os poetas tendem a observar a regra de identidade formal como sendo uma das características do género.

Os traços tipológicos da pergunta/resposta assentam em critérios formais mas também em critérios funcionais. Para distinguir adequadamente as composições do tipo pergunta/resposta de outros géneros dialogais em que poderá haver formulação de uma pergunta e / ou resposta, é necessário considerar a função específica das duas partes constitutivas do intercâmbio. A função do primeiro constituinte não é só a de formular uma pergunta a qual terá de ser respondida pelo destinatário, mas também a de subentender a solicitação de resposta através de meios retóricos que visam persuadir o destinatário a aceitar o convite que lhe é feito. Ao fornecer o conteúdo final do intercâmbio, a resposta revela também a mestria do destinatário, pois, tendo este que se conformar ao molde formal e temático imposto pelo interrogante e que desfazer as armadilhas, por ele, escondidas nos versos da pergunta, consegue frustrar os seus intuítos. Na última copla da composição 489, João Rodrigues de Sá responde a Diogo Fernandes que não pretende responder à sua provocação e inventar um outro enigma que, segundo ele, não «muestra saber» (v. 26).

A pergunta e a resposta mantêm uma relação de interdependência, considerá-las de forma isolada quebra a unidade significativa que as caracteriza como as duas partes constitutivas de um género só.

Da observação da secção dedicada às perguntas no índice de Brian Dutton, vemos que, relativamente ao *Cancioneiro Geral*, há um total de 25 perguntas referidas. Quando comparámos esses dados com os textos, verificámos que todas as composições introduzidas nesta secção estão identificadas na rubrica inicial como sendo uma pergunta. Todas estas referências coincidem com o nosso próprio

¹⁶⁴⁰ Cf. Heinrich Lausberg, *Elementos de retórica literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, parágrafos 67-70, pp. 104, 105.

¹⁶⁴¹ Cf. Antonio Chas Aguión, *Preguntas y respuestas en la poesía cancioneril*, op. cit., pp. 94, 95.

levantamento à excepção da composição 5240 que corresponde ao poema *Cuydar e sospirar* que, por razões já evocadas, excluímos. Há, ainda, 13 perguntas que identificámos no nosso inventário e que não estão referidas no respectivo apartado no índice de Brian Dutton. Da nossa observação, concluímos que não constam do índice as composições que não estão, na rubrica inicial, identificadas como pergunta. As referências 5854, 5855 e 5856 correspondentes a um único texto, 545, na edição de Aida Dias, não são consideradas como tal no índice, pelo menos a composição 5856. Na secção das respostas, o texto 5855 é referenciado como sendo a resposta ao poema 5854, mas este não é considerado como uma pergunta nem está presente na respectiva secção. Já o número 5856 que corresponde à pergunta que Sancho de Pedrosa endereça à Tristão da Silva e identificada como pergunta na rubrica inicial não está referido na parte do índice relativa às perguntas. A unidade significativa da composição 545 desvanecesse ao não serem consideradas, por um lado, estas três referências como uma única composição e, por outro, ao não ser integrado no apartado das perguntas o texto 5856. Perde-se a informação que 5854, 5855 e 5856 são, na realidade, um só poema do género pergunta/resposta e que há nesta composição uma inversão dos papéis de interrogador e destinatário, uma vez que a segunda pergunta colocada por Sancho de Pedrosa não integra o índice.

Na secção das respostas, contámos 99 referências. Neste apartado, estão reunidas de forma indiscriminada respostas de todo o tipo desde respostas a trovas, a epístolas, passando pelas respostas a invectivas. No final, para se perceber quais as respostas que integram o género, é necessário cruzar as referências obtidas no respectivo apartado com as das perguntas e com a leitura atenta do próprio *Cancioneiro*, na medida em que há composições que não se encontram em nenhuma das secções. É o caso por exemplo do poema 5906 que não está incluído nem no apartado das perguntas nem no das respostas, sendo que só a leitura do *Cancioneiro* permite identificá-lo como pertencente ao género pergunta/resposta. Quanto à composição 5616, não estando integrada na parte do índice relativa às respostas, e sendo que no apartado das perguntas apenas se dá a referência da composição sem fornecer mais indicações sobre o texto que responde a essa pergunta, resulta difícil perceber, unicamente através da consulta dos índices, que, na realidade, a pergunta 5615 é uma das partes constitutivas de uma composição pertencente ao género pergunta/resposta.

Os casos em que há coincidência entre os dados fornecidos pelos índices de Brian Dutton, tanto para as perguntas como para as respostas, e o nosso inventário são apenas 18. No que diz respeito às restantes ocorrências, ou a pergunta ou a resposta não constam do índice dos respectivos géneros, o que nos impede de considerar essas composições como sendo pergunta/resposta só através da consulta dos índices de Brian Dutton.

Exigindo o género pergunta/resposta uma rigorosa unidade significativa entre as duas partes constitutivas, é impossível pensar um índice de géneros que remeta, em separado, para as perguntas e para as respostas. Inevitavelmente, isso conduz à perda de significado das composições e, sobretudo, impede que se realcem as particularidades desse género dialógico, uma vez que quase tudo pode ser considerado resposta, mas, como vimos pela menor representatividade do apartado reservado às perguntas, muito poucas composições poderão integrar o género pergunta/resposta.

À pergunta cancioneril é inerente a formulação de uma interrogação ou demanda com o intuito de ser respondida, traço que a distingue de outros tipos de perguntas. Sublinhado o carácter funcional da pergunta cancioneril, Antonio Chas elaborou uma tipologia que assenta na forma como é colocada a pergunta. Nos cancioneros castelhanos, há quatro tipos de perguntas: pergunta disjuntiva, de solicitação de conselho ou remédio, de carácter enigmático (a adivinha) e livre¹⁶⁴².

Na colectânea de Resende, a pergunta que maior representatividade tem é a de tipo disjuntivo. No conjunto das 36 composições em que identificámos uma pergunta, 16 são disjuntivas. Em sua grande maioria, são de temática amatorial. No entanto, encontramos 4 perguntas de temática moral,

¹⁶⁴² Cf. Antonio Chas Aguión, *Amor y corte. La materia sentimental en las cuestiones poéticas del siglo XV*, Coruña, Editorial Toxo Soutos, 2000, p. 43.

uma de contornos satíricos e outra filosófica. As perguntas disjuntivas caracterizam-se por propor ao destinatário duas vias de resposta, tendo este que optar por defender uma delas. Estas perguntas não permitem um grande desenvolvimento do tema introduzido, uma vez que os limites da resposta já foram traçados. No entanto, na composição 484, João Rodrigues de Sá, convidado a reflectir sobre se se «haa-de lembrar» (v. 4) o folgar «quando for mais sem medida / o fim que tem de leixar» (vv. 5, 6) ou «se se deve perder / correndo desenfreado» (vv. 7, 8), dá uma resposta de teor filosófico acerca da fugacidade do prazer. Segundo o poeta, é bom lembrar-se dos mais antigos porque assim ter-se-á sempre presente a natureza enganadora do prazer e o dever dos que ainda o experimentam.

No que concerne as perguntas de solicitação de conselho ou remédio, há 8 em todo o *corpus*, todas pertencem à temática amatória e têm um carácter pessoal. As composições em que se pede remédio ou socorro constituem um sub-grupo na medida em que, para além do pedido de ajuda, há uma dramatização desse pedido. Enquanto nas composições 193, 213 e 217, existe um campo lexical do desespero e da tristeza; nas composições 295, 689, 828 e 847, para além de também estar presente, encontramos referências à morte como forma de aumentar a tensão dramática do pedido. O texto 828 é exemplificativo desse processo. Na solicitação que formula, Pero da Silva não pede apenas que lhe seja prestado socorro pelo seu sofrimento, mas que Francisco de Sousa o ajude a pôr um fim a vida tão triste, dizendo-lhe «que via deve tomar / ou qual outra desejar» (vv. 3, 4).

Quanto às perguntas de carácter enigmático ou de adivinha, há 6 no *Cancioneiro geral*. As composições que contêm uma adivinha podem ser de carácter amatório, político (493) ou funcionar como elogio a uma pessoa (475). Será interessante salientar que, nestas duas composições, os *exempla* de cultura clássica que servem de base à elaboração dos enigmas propostos ao correspondente têm o intuito de realçar o conceito de nobreza de espírito pela reactualização do *topos* da necessária conciliação das armas e das letras e pela valorização da linhagem através da cultura¹⁶⁴³.

Antonio Chas distingue ainda um outro tipo de pergunta que denomina pergunta livre. Estas perguntas deixam uma maior liberdade ao destinatário, uma vez que este não deve responder nem a um pedido de conselho, nem tomar partido por uma das possibilidades propostas pelo autor da pergunta¹⁶⁴⁴. Não encontramos no *Cancioneiro* perguntas que se pudessem enquadrar neste tipo. Surgiram-nos, porém, perguntas que não parecem corresponder a nenhuma das tipologias evocadas por Antonio Chas e que poderíamos dividir em três sub-grupos: pergunta explicativa, meditativa ou pergunta de reflexão e pergunta simples. Estas perguntas, embora não tão restritivas quanto as disjuntivas, as de solicitação de conselho ou remédio ou ainda as de carácter enigmático, exigem ao respondente que molde a sua composição ao pedido formulado.

Relativamente ao primeiro sub-grupo, a composição 453 pede que se esclareça sobre as qualidades que devem possuir as damas para serem formosas. Este texto não se pode enquadrar nas perguntas disjuntivas, uma vez que o destinatário não deve escolher entre duas propostas, nem nas composições de pedido de conselho ou remédio. Não há também nesta composição uma pergunta de carácter enigmático. Fernão Brandão formula a sua pergunta de forma a que o respondente ou – respondentes, já que a pergunta está endereçada a um destinatário plural – explique quais são as características que determinam se uma dama é formosa. As formas verbais a que recorre o poeta para solicitar essa explicação – «me respondam» (v. 5), «saber» (v. 1), «sabem» (v. 2) – salientam a natureza da resposta que espera Fernão Brandão. Ele pretende que os «que sabem» (v. 2), ou seja, os trovadores, amantes e destinatários que identificou nos primeiros versos, lhe transmitam um conhecimento que não possui. Desconhecemos a resposta para esta pergunta; todavia, se existisse, teria de corresponder à pergunta formulada no sentido de propor uma explicação, um ensinamento. A composição 848 também

¹⁶⁴³ Cf. Ana María Sánchez Tarrío, *Formación humanística y poesía romance en 'Cancioneiro Geral' de Garcia de Resende*, Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela, 2000, pp. 311 e 333.

¹⁶⁴⁴ Cf. Antonio Chas Aguión, *Amor y corte. La materia sentimental en las cuestiones poéticas del siglo XV*, op. cit., p. 55.

é de tipo explicativo, pois pergunta Garcia de Resende porque é que homens «galantes e perfeitos» (v.11) são desprezados pelas damas enquanto outros «de menos merecer» (v.15) o não são? Embora a *captatio benevolentiae* seja o lugar onde o poeta procede ao elogio do correspondente que eleger, nesta composição a sua formulação informa-nos sobre a natureza explicativa da pergunta. Na primeira copla, observa-se a presença do campo lexical do saber e do aprender, remetendo para a imagem do mestre e do aprendiz («é necessario que hajamos / de quem mais sabe aprender» vv. 3, 4) que deixa antever a elaboração de uma pergunta explicativa. Após a exposição dos factos, a pergunta surge como a necessária conclusão da intervenção do interrogador. Ainda que a colocação da pergunta não imponha ao respondente uma escolha entre duas opções, o seu carácter directo – «Em qu'estaa isto assi ser?» (v. 18) – não deixa qualquer liberdade a João da Silveira: tem de fornecer uma explicação.

As composições 225 e 349 apresentam contornos diferentes, ambas tratam de uma temática filosófica e moral e correspondem ao segundo sub-grupo. No primeiro texto, João Gomes da Ilha pretende que lhe digam sobre a essência da razão. Já no texto 349, Rui Gonçalves de Castelo Branco coloca uma pergunta de carácter moral e mais concretamente sobre a ausência de valores na sociedade («Porque com rei justo e santo / medram os que taes nam sam / e os dessa condiçam / muito menos e nam tanto» (vv. 10-13). Nestes dois casos, à semelhança dos evocados no sub-grupo anterior, observa-se a presença de um campo lexical do saber e do aprender que denota a formulação de uma pergunta explicativa de teor filosófico e moral. No poema 225, João Gomes da Ilha solicita aos destinatários que lhe ensinem «u vive razam» (v. 6), o que obriga os respondentes a fornecerem uma resposta não só explicativa mas também filosófica. O recurso repetido às anáforas através do pronome interrogativo indirecto se («se na entençam / se em bem fazer / se em bem querer» vv. 3-5) introduz uma série de hipóteses que constituem pistas de reflexão. Na composição 349, a formulação objectiva e directa da pergunta acerca do desconcerto da sociedade constitui em si uma imposição de resposta. O que se pretende é que o respondente teça considerações sobre a temática introduzida de acordo com a veia crítica que se vislumbra na pergunta.

Todavia, ao invés das perguntas disjuntivas, de solicitação de conselho ou de adivinha em que o respondente se deve cingir aos limites impostos pelo autor da pergunta, quer quando deve escolher entre duas opções de resposta quer quando está em presença de uma adivinha para a qual deve encontrar solução, estes tipos de pergunta permitem ao respondente usar de alguma iniciativa na condução da resposta e evitar as armadilhas que o autor da pergunta esconde por vezes nos seus versos. Diogo Brandão apela à autoridade divina para explicar o estado de desconcerto da sociedade portuguesa, enquanto Rui Gonçalves, ao colocar uma pergunta sobre a decadência dos valores morais, contrapondo-a às qualidades do rei, queria orientar a resposta no sentido de uma responsabilização do monarca. Nos últimos versos, Diogo Brandão responde de forma velada a Rui Gonçalves que percebeu a tentativa, dizendo que «Desta concurdo qu'em quanto / é de Deos a permissam, / o rei nam faz sem razam / com quanto nos faz espanto» (vv. 26-29).

O último sub-grupo que identificámos no *Cancioneiro* é o das perguntas simples que não se inserem em nenhum dos tipos cuja presença observámos. Nas composições 440, 465 e 593 as perguntas feitas aos interlocutores não são de natureza disjuntiva, nem de pedido de conselho, nem de resposta a um enigma, nem de carácter explicativo ou de reflexão. A pergunta que se coloca é circunstancial e, por essa razão se designa por pergunta simples, na medida em que a resposta que requer está estreitamente ligada ao acontecimento que motivou a elaboração da pergunta e da resposta. Sendo estas composições ligadas a eventos e situações circunstanciais, caracterizam-se pelo seu tom claramente trocista e satírico, o que condiciona os versos elaborados pelo respondente, que deve retomar essa veia, quer para se defender das invectivas a que foi sujeito, quer para dar continuidade ao jogo iniciado pelo autor da pergunta.

Mesmo se as imposições formuladas pelas perguntas dos três últimos sub-grupos analisados são diferentes das referidas por Antonio Chas relativamente às perguntas de tipo disjuntivo, de conselho ou de resolução de uma adivinha, não parece possível considerá-las como perguntas livres, na medida em que, nos casos observados, os respondentes tinham sempre de retomar e obedecer ao molde imposto

pelo autor da pergunta.

Embora o género pergunta/resposta não esteja muito representado no *Cancioneiro* de Resende, o trabalho de inventário realizado ao longo da obra demonstrou a dependência que os dois constituintes do género mantêm entre si. Pergunta e resposta não podem ser consideradas em separado porque formam, reutilizando uma expressão de Antonio Chas, uma unidade significativa que distingue o género pergunta/resposta de outras modalidades dialogais com as quais, aliás, tem algumas características comuns.

Ainda que os exemplos de pergunta/resposta que encontramos no *Cancioneiro* português revelem semelhanças com os dos cancioneros castelhanos, vimos que há textos que fogem, pelas suas características, às tipologias existentes. É um facto que não é muito significativo o número de textos aos quais os tipos de proposição delineados por Antonio Chas não se aplicam totalmente, porém, ainda que não muito abundantes, essas diferenças têm de ser evidenciadas.

ANEXO

número	IDENTIFICAÇÃO		CARACTERÍSTICAS		POETAS		
	AD	ID	Tipo	Matéria/ assunto	Autor da pergunta	Autor da resposta	Destinatário(s)
1	37	5281-5282	disjuntiva	Amorosa	Coudel-Mor	Álvaro Barreto	Álvaro Barreto ^a
2	83	5332-5333	<i>disjuntiva</i>	<i>Amorosa</i>	<i>Álvaro de Brito</i>	<i>Coudel-Mor</i>	<i>Destinatário plural</i> ^a
3	114	5362-5363	adivinha	Amorosa	Duarte de Brito	Dom João de Meneses	Dom João de Meneses ^a
4	136	5381-5384	disjuntiva	Amorosa	Dom João Manuel	Dom João Manuel	Álvaro de Brito ^a
5	151	5393-5394	múltipla (2 simples, 1 disjuntiva)	Amorosa	[Dom João Manuel]	Pedro Homem	Destinatário plural ^a
6	193	5107 e 5084	conselho	Amorosa	Afonso Valente	Coudel-Mor	Coudel-Mor ^b
7	213	5446-5447	conselho	Amorosa	Jorge de Aguiar	Coudel-Mor	Coudel-Mor ^a
8	217	5452-5453	<i>conselho</i>	<i>Amorosa</i>	<i>Fernão da Silveira</i>	<i>Coudel-Mor</i>	<i>Coudel-Mor</i> ^a
9	225	5463	meditativa	Filosófica	João Gomes da Ilha	Sem resposta	Destinatário plural ^b
10	251	5498-5499	<i>disjuntiva</i>	<i>Amorosa</i>	<i>Conde de Tarouca</i>	<i>Dom João de Meneses</i>	<i>Dom João de Meneses</i> ^b
11	295	5545-5546	socorro	Amorosa	Conde do Vimioso	Manuel de Goios	Manuel de Goios ^b
12	299	5560-5561	adivinha	Amorosa	Conde do Vimioso	Garcia de Resende	Garcia de Resende ^a
13	348	5615-5616	múltipla (2 simples, 1 disjuntiva)	Amorosa	Duarte da Gama	[Diogo Brandão]	[Diogo Brandão] ^c
14	349	5617-5618	meditativa	filosófica/ moral	Rui Gonçalves de Castel Branco	[Diogo Brandão]	[Diogo Brandão] ^b
15	362	5632-5633	<i>disjuntiva</i>	<i>satírica</i>	<i>Diogo Brandão</i>	<i>Anrique de Sá</i>	<i>Anrique de Sá</i> ^b
16	439	5707-5708	socorro	amorosa	Diogo Brandão	Anrique de Sá	Anrique de Sá ^a
17	440	5709-5711	<i>simples</i>	<i>satírica</i>	<i>Anrique de Sá</i>	<i>Diogo Brandão</i>	<i>Diogo Brandão</i> ^b
18	445	5714-5715	múltipla (3 disjuntivas)	<i>moral</i>	[<i>Fernão Brandão</i>]	<i>João Rodrigues de Sá</i>	<i>João Rodrigues de Sá</i> ^a
19	448	5143-5144	adivinha	poesia	[Fernão Brandão]	Anrique de Sá	Anrique de Sá ^a
20	450	5718-5719	disjuntiva	satírica	[Fernão Brandão]	Anrique de Sá	Anrique de Sá ^a
21	453	5722	explicativa	amorosa	[Fernão Brandão]	Sem resposta	Destinatário plural
22	465	5743-5744	adivinha	satírica	[João Rodrigues de Sá]	[Luís da Silveira]	Luís da Silveira ^b
23	475	5757	adivinha	elogio	João Rodrigues de Sá	Sem resposta	Dom Miguel da Silva
24	484	5772-5773	disjuntiva	filosófica	António Machado	João Rodrigues de Sá	João Rodrigues de Sá ^a
25	485	5774	adivinha	enigma	João Rodrigues de Sá	Sem resposta	Luís da Silveira
26	489	5147-5148	disjuntiva	enigma	Diogo Fernandes	João Rodrigues de Sá	João Rodrigues de Sá ^a
27	493	5786	adivinha	política	João Rodrigues de Sá	Sem resposta	Aires Teles
28 ¹	545	5854-5855	disjuntiva	religiosa/ teológica	Tristão da Silva	Sancho de Pedrosa	Sancho de Pedrosa ^b
28 ²	545	5856	disjuntiva	religiosa/ teológica	Sancho de Pedrosa	Sem resposta	Tristão da Silva ^b
29	593	5906	simples	satírica	Dom Rodrigo de Crasto, Fernão da Silveira, João Fogaça	João Gomes da Ilha	João Gomes da Ilha ^{b c}

30	604	5934	disjuntiva	satírica	Fernão da Silveira	Dom Rodrigo de Castro	Dom Rodrigo de Castro ^{b,c}
31	641	7016-7017	<i>conselho</i>	<i>amorosa</i>	<i>Dom Pedro</i>	<i>Luís da Silveira</i>	<i>Luís da Silveira</i> ^b
32	689	7069	socorro	amorosa	[Jorge de Resende]	Sem resposta	Jorge de Resende endereça a pergunta a um destinatário não nomeado a quem se dirige tratando-o por «senhor».
33	828	7225-7226	conselho	amorosa	Pero da Silva	Francisco de Sousa	Destinatário não especificado
34	841	7240-7241	disjuntiva	amorosa	Uma mulher	Garcia de Resende	Garcia de Resende ^a
35 ¹	847	7246-7247	conselho	amorosa	Garcia de Resende	João da Silveira	João da Silveira ^a
35 ²	847	7248-7249	conselho	amorosa	João da Silveira	Garcia de Resende	Garcia de Resende ^a
36	848	7250-7251	explicação	amorosa	Garcia de Resende	João da Silveira	João da Silveira ^b

O itálico assinala as composições que não são «pelos consoantes» e que apresentam irregularidades de composição.

Entre parêntesis rectos surgem os poetas que não estão identificados pelo nome como sendo o autor da pergunta ou da resposta, apenas usando as expressões «Resposta sua», «Pergunta sua».

^{a)} Composições em que há coincidência, tanto a nível da componente pergunta como resposta, entre este levantamento e os índices de Brian Dutton.

^{b)} Composição não incluída na secção das perguntas do índice de Brian Dutton.

^{c)} Composição não incluída na secção das respostas do índice de Brian Dutton.